HA 300 ANNOS

Pedro Coelho de Sousa

UM VERDADEIRO martyrologio... eis o que se chama — historia antiga e moderna do Ceará Lê quem pretende aprender, como se soffre, ou quer retemperar o espirito para continuar a jornada com toda a coragem exigida pelas empresas meritorias, arduas, portanto, e de perigo.

A cada pagina desse livro de amarguras, é facil deparar um motivo de tristesa; em todas as edades não se gosam, sinão mui raros instantes de alegria; pouca esperança está a sorrir aos peregrinos da vida, toda luz é baça e cambiante, os caminhos têm cardos, o horisonte sempre negreja.

Algumas glorias lampejam, mas sem o proveito do exemplo; o estimulo mal se percebe atravéz as corrações da discordia.

Soffre-se, no Ceará, desde o primeiro momento, em que a vida bruxoleou, tendo-se sempre por diante a miragem, que, afigurando-se lympha dulcissima para nos matar a sêde de verdades e de justiça, não passa d'uma decepção nova para os incautos; nada para sanificar, conduzindo áquella felicidade, cuja sédo está no saber tão sómente, e na vontade firme.

No limiar da historia do Ceará, está Pedro Coelho de Sousa. Extenuado e faminto, triste e desilludido, agonisa nos braços de uma heroina do amor, para quem tinha sonhado riquesas e senhorios, mal sabendo que lhe procurava sómente o respeito, que deve a posteridade a toda virtude infeliz.

Pedro Coelho é o primeiro nome do Ceará, justamente o primeiro martyr da sua causa.

Corria nas suas veias esse sangue novo, que conquistadores providenciaes, partindo do oriente, ha seculos, tinham vindo injectar nos escravos de Roma patricia, e de Roma papal, nessas castas, dizemos, que outr'ora estagnadas, agora como redivivas queriam respirar e achando estreita a terra do berço, procuravam climas nunca vistos e mal sonhados, onde corresse á vontade o corcel das ambições humanas, e a vida se avigorasse de outros atomos, em ambito sufficiente para toda expansão moral.

Portugal tinha remoçado pela fusão das raças. Quando o ultimo arabe tinha sido assimillado pela massa nacional, o prurido era grande de conquistas e navegações. Um mysterio insondavel no destino dos povos... Elles acompanham a rotação dos corpos celestes, movendo-se eternamente do oriente para o occidente!

Quando tudo estava disposto nalma lusitana por secretos trabalhos da naturesa, que refunde o homem, quando chegára o momento de explodir; um propheta inspirado do futuro immenso do povo, que estivéra tantos seculos no seo cadinho, de bem alto lhe bradou o *toli et ambula*.

E poucos annos bastaram, para que os mares alvejassem com as vellas portuguezes!

D. Henrique foi um sonhador divino, o vidente, em cujo espirito se viéram debuxar os vastos mundos, que ninguem tinha visto até então, e Camões medio, mais tarde, nos seos vôos d'aguia.

D'esses temerosos investigadores atravéz os mares, a que outr'ora não se attribuiam limites, foi Pedro Coelho, tomando o governo de uma galéra do rei, para affrontar as cruêsas do mar, enfrentando as tempestades, que vêm a ser o cubo de todos os terrores, que reunidamente assaltam a coragem humana; verdadeiro inferno pairando sobre nossas cabeças, e ameaçando, ruidoso um exterminio universal!

Neste genero, muitos povos se fizeram admirar, mas depois dos portugueses. Antes do marinheiro impellido de Sagres, dósado do arabe, era uma duvida até a propria rotundidade da terra, e o apinhamento crescente dos povos do velho mundo ameaçava a morte por asphixia social, com as convulsões da anarchia, quer dizer —toda obliteração da lei moral.

Coelho se associára a seo cunhado Fructuoso Barbosa nas tentativas infelises de colonisar a Parahiba, da qual o principe lhe fizéra doação. Todo o poder naval, que este armador condusio até alli, cedeo á astucia e bravura dos selvagens, que lhe fiséram perder parte da sua esquadra, um filho e muitos companheiros. Já antes tinha sido obrigado a arribar de Pernambuco com algumas vellas, que o arrastaram até a India, onde um primeiro infortunio o aguardava.

Alli perdera Fructuoso Barbosa a sua primeira mulher, sem perder a esperança de gosar da presa, que a munificencia régia lhe proporcionára. D'alli voltou a Portugal, veio ter novamente ao Brasil e investio a Parahiba, mas sempre lhe falhando a victoria, acabou por uma exautoração, vendo o seo feudo passar para a corôa, á qual veio render-se afinal a brava gentilidade, tão ciosa da sua liberdade.

Pedro Coelho procurou uma compensação tratando de adjudicar-se as terras ao norte de *Potiguaria*, possuidas pelos *tapuyas*, que já se estavam arrebanhando, em torno de alguns exploradores procedentes de Dieppe e de outros portos de França, os quaes dominavam as emipencias de Ibiapaba.

Foi este tentamen, em animo portuguez, o inicio do Ceará, cujo valor tem sido, por tanto tempo, uma duvida para os observadores superficiaes, e para o actualismo reinante.

Mal presentida foi a grandesa do Ceará, porque a obra seria de gigantes, e a terra estava senhoreada por pygmeos.

A impressão foi má, para quem não podia descortinar segredos, que ainda agora a sciencia mal penétra, ou não podia metter mãos ao trabalho, que a naturesa alinhára e dispozéra, mas ainda agora não encontra obreiros de sufficiencia.

Não agradou o aspecto da terra cobiçada. O litoral era de areia alvissima a se mover avançando contra o oceano, improductiva e abrasada, ligando-se, na zona immediata, a uma região desbastada e carcomida pelos alluviões, onde não havia, sinão uma flora mui pobre das grandes especies vegetaes, e uma faúna por ventura mais pobre. O autocthone era homunculo, vivendo á tôa, sem tecto e em nudez completa; os rios simples ravinas, rapida a estação ibernal, seis mezes rijas, e tensas as correntes aérias, crestando toda vegetação!

As grandes cordilheiras, as mattas virentes, as temperaturas doces, as aguas perennes, tudo isto se encontrava pela terra a dentro á distancia, que os investigadores não podiam alcançar, nem alguem concebia jamais.

Não havia, nesses páramos immensos, nenhum gado, nem ladrava o cão amigo; toda ave singrava pelo azul dos céos, ou não entrava para a convivencia dos incolas, servindo-lhes de pasto.

Era esta a dura realidade dos sonhos, que a imaginação dourava para Pedro Coelho. O que o Ceará continha de util e de futuroso, era para olhos mais cultos. Para elle tudo tinha aspecto carregado.

Não se sabe o dia preciso, em que começou a sua aventura, e elle não tinha idéa de cousa alguma, sinão da Ibiapaba, um Eden, que os franceses tinham senhoreado e Bauchamp chamou—*El-Dorado*.

Desde 1580, mais ou menos, estes aventureiros do typo bretão e normando, visitavam a costa do Ceará, traficando com os selvagens, e alli, sobre a grimpa da magestosa cordilheira, tinha a sua séde a conquista, que fiseram.

Entre dois extremos—Parahiba e Ibiapaba, havia centenas de legoas a percorrer, *pede calcante*, levando á cabeça as provisões!

A partida, sabe-se firmemente, foi em julho de 1603, e com certesa a 10 de agosto a expedição tocára á margem do Jaguaribe, cuja barra injectada pelo mar, nos seos fluxos, ella devia transpôr. Ahi se fundou o fortim, melhor diremos, o abrigo de *S. Lourenço*, para resistir ás investidas dos *tapuyas*, que corriam em defesa da terra sagrada do seo berço.

Nessa barra, tinham chegado alguns barcos, com provisões, que o governador Diogo Botelho tinha enviado a Pedro Coelho, quando lhe permittira fazer a entrada, dando-lhe a costumada carta-patente, com a autoridade de capitão-mór das terras, que conquistasse.

Toda a companhia constava de 60 homens brancos, dirigidos por cabos de guerra portugueses, entre os quaes luzia o nome de Martim Soares Moreno, commandante da fortaleza dos Reis-magos, que se fez tão celebre nas lutas futuras, e veio a ser o definitivo fundador do Ceará. A mais força constava de 200 *potyguares*, indios potentes e disciplinados que obdeciam a chefes de suas malóças; e trasiam nomes barbaros e mal sonantes do vocabulario *tupy*.

Padecendo a fome, a sêde e mil torturas de viagem, por sobre os morros, internando-se somente, quanto era preciso, ás veses, para vadear os rios, que salgavam; a companhia attingio á região do Mucuripe, virgem de pés luzitanos. A frota de pequenos barcos, navegando á vista, seguio a confusa romaria até a enseada d'este nome, segundo a informação dos raros chronistas de roupêta, padres de diversas ordens, que recolhiam dados para a historia daquelles dias, incompleta, e viciada de phantasias e mysticismo quasi-barbaro.

De Mucuripe, se arrastando vagarosamente, a expedição foi chegar a Camocim (Póte) em 18 de Janeiro de 1604. Seis meses levou esta marcha até effectuar-se, em serios combates, o exterminio dos franceses de Ibiapaba, e dos bravos chefes *tabajáras*, que lhes prestavam assistencia denodada.

Os soldados esfaimados mataram e comeram o cavallo unico, que havia na expedição, antes de darem combate aos franceses, soffreram sêde cruciante, e viram rarear as suas fileiras pelo arcabús daquelles e pela setta dos seos amigos.

Após a conquista de Ibiapaba, Coelho teve em vista emprehender nova campanha; entrou-lhe no espirito a velleidade de expulsar do Maranham os franceses, que alli se tinham aninhado, fasendo dessa ilha uma séde da sua provincia na America do sul.

A miseria, porem, lhe não permittio passar além do Parnahyba (Punaré), e foi obrigado a voltar, vindo estacionar na barra do rio Ceará (Itarema dos tapuyas), onde fundou a colonia *Nova Luzitania* com a sua capital *Nova Lisbôa*, e o fortim S. Thiago, cujo nome está indicando, que elle já se achava nesse sitio insalubre no dia 25 de Julho de 1604.

Pedro Coelho completou a jornada de cerca de 500 leguas por terrenos invios e doentios, partindo de Itarema para Pernambuco, afim de pedir soccorros ao go-

vernador Diogo Botelho, e condusir da Parahiba a sua mulher e filhos.

Na pequena fortificação ficou Simão Nunes Correia com 45 homens, esperando-o, nesse isolamento, desoito meses, até que elle voltou numa caravella, trasendo os infelises, que associava ao seo desterro. No entanto, os recursos promettidos não chegavam!

Diogo Botelho os tinha confiado a João Soromenho, e este traidor os levára até Jaguaribe, onde desembarcou, embrenhando-se, para captivar indios, por sua conta, e para seo negocio.

Assim abandonados, os colonos, famintos e núS, indusiram Pedro Coelho a deixar Itarema ou barra do Ceará (ora Mathias Pacheco), e transferir-se para mais perto das terras povoadas (Rio-grande-do-norte). Elle o fez, indo estacionar no fortim de S. Lourenço, á esquerda do Jaguaribe, e junto á sua fóz, com uma viagem de não menos de 40 leguas, sobre areias movediças e num estio, que mais parece ter sido uma sêcca, das que costumam assolar esta região.

As condições dos infelises não deixaram de ser mui tristes. Simão Nunes, transpondo o rio com a sua gente, abandonou o capitão-mór á sua sorte com a desgraçada familia e se abrigou no Rio-grande, em quanto este, com 18 homens estropeados, hesitava sobre o partido, que devia tomar.

Sem jangada ou canôas para transpor o rio, Pedro Coelho emprehendeo viagem nova, indo vadeal-o algumas leguas acima da sua fóz, onde foi possivel, e seguiu em direcção á Natal.

E' uma lenda tristissima a desse exodo, conservado por Frei Vicente do Salvador, para cumpungir, pelos seculos afóra, quantos estudam o nosso progresso, nas fontes, de onde mana em borbotões de sangue, em flocos de lagrimas!

Os trabalhos começarâm, do primeiro momento, para a companhia que retirava todos á pé, adultos e crean-

ças. Estas choravam, chagando os pés sobre a areia ardente; os mais validos succumbiam ao cançaço, á sêde e á fome. Logo, no dia seguinte, Coelho teve que conduzir nos braços a dois filhinhos, e só no terceiro é que deparou uma cacimba, junto a qual pousou, provendo-se d'agua para continuar a jornada.

Descançando dois dias, proseguiu, assustado a cada signal de haver anthropophagos á distancia, que o percebessem. Toda fumaça que se avistava na *catinga* era motivo para grandes mêdos.

No entanto, voltavam a fome e a sêde, dois generos de morte os mais crueis, para disimarem os itinerantes. O primeiro que succumbio foi um carpinteiro, e os que não podiam mais caminhar, aconselhavam Coelho a deixal-os na via dolorosa. O grande lutador, porem, lhes mettia coragem e incitava a proseguirem.

Seguio-se a morte de um outro homem da comitiva, e todos se reputavam perdidos. D. Thomasia, mulher de Coelho, que não se deixou affrontar pela perspectiva de nenhum perigo, nem se rendeo á nenhuma dôr, exigio d'elle que se salvasse, deixando-a e a seos filhos em meio do caminho.

O animo esforçado de Coelho não comportava tamanha ignominia da fortuna. Elle foi por deante na penosa viagem, animando a todos, até que encontrou duas novas cacimbas no lugar *Amargosa*.

Eram, porem, as suas aguas de tal sorte más, que ninguem ponde sorvel-as. Felizmente, estava proximo um mangue, que deviam atravessar com a lama até á cintura, e ahi foram colhidos muitos carangueijos, que, comidos crús, mitigaram a fome e a sêde ao bando de mumias que, graças a isto, conseguio transpôr o estuario de Mossoró.

Neste ponto, Coelho fez signal de soccorro a um barco, que, passava; mas não foi percebido ou não foi attendido, e para logo lhe morria o filho mais velho! Quasi succumbindo, tinha o espirito alentado só por D.

Thomasia, a heroina do drama, e foi d'est'arte que vio Natal já em começo 1606.

Vio, e morreo!

Coelho e Thomasia, no limiar do seculo XVII, são martyres primeiros da civilisação desta terra, que ia ver a luz, e esperava na densa escuridão, que, agora subsiste só para os seculos, que nos precederam.

O Ceará ficou notorio, teve quebrados os sellos após o infortunio desse ousado serranista; as suas dôres, porem, e as suas maguas quasi nenhum tributo têm recebido do reconhecimento e do amôr da posteridade.

JOÃO BRIGIDO.